

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

MÚSICA

Durque Costa Cigano, uma lenda da noite de Porto Alegre

Andressa Pufal

andressap@jornaldocomercio.com.br

Meio século de carreira, mais de 280 composições e cerca de 200 shows. Como definir alguém com este currículo? Talvez a muitas vezes hiperbólica “lenda” não seja um exagero e seja a palavra adequada para abarcar tudo que é Durque Costa Cigano. Conhecido como Lenda da Noite, Cigano é um dos maiores personagens da boemia noturna de Porto Alegre e agora sua história ficará eternizada em dois documentários com lançamentos previstos para 21 de agosto.

Durque Costa Cigano - A Lenda da Noite de Porto Alegre e Paulinho Parada e Durque Costa Cigano - Entre Bares e Canções, foram idealizados, criados e produzidos por Paulinho Parada, um estudioso da canção porto-alegrense que se propõe a dar visibilidade a artistas importantes desse segmento, promovendo suas carreiras e oportunizando que um público maior possa conhecê-los. Ambos os filmes serão disponibilizados gratuitamente no YouTube e terão lançamento pela plataforma SulFlix, além de circulação prevista nos principais cinemas de rua da Capital.

Quando perguntado sobre a motivação que o levou a resgatar e divulgar esta história, o substantivo voltou: “ele é uma lenda!”, sentencia Paulinho. Simples assim. Isso pode ser motivo suficiente, mas o lado afetivo também pesa quando relembra que “deve sua carreira ao Cigano”.

Os amigos se conheceram em 2002, quando o músico foi tocar no bar do pai de um Paulinho ainda criança. Inspirado pela genialidade daquela figura que só precisava de um violão para comunicar as mais belas coisas, Paulinho decidiu ser músico. Começou a escrever poemas de amor para uma paixãoite de verão e chamou atenção de

Cigano, que musicou uma das suas produções. A carreira musical de Paulinho seguiu até o Doutorado em Música, e foi na academia que percebeu o apagamento histórico que sofriam os artistas da boemia noturna das cidades.

“A universidade, naquela época, não tratava da música gaúcha, porto-alegrense, muito menos dos músicos da noite”, analisa. “Onde estão os músicos negros, pobres? Como sobrevivem os músicos idosos, sem aposentadoria? O que a gente faz com este apagamento?” Às vezes uma pergunta é mais reveladora do que as respostas. Esta inquietação levou à disponibilização das canções de Cigano nas plataformas digitais em 2024 e aos dois curta-metragens que vão contar a história da lenda noturna.

“Até acho que mereço”, brinca Cigano sobre a homenagem, a qual define como um “oceano de alegrias”, resultado de uma “luz divina que pairou sobre a cabeça de Paulinho” – esbanjando toda a sua poesia nata. Um dos documentários vai discorrer sobre a amizade que levou à produção dos curtas. O outro, vai focar mais propriamente na história do cantor.

Nascido em Dom Pedrito em 1950, Durque Costa Cigano se mudou para Porto Alegre aos seis anos. “Eu sou do sul, de Dom Pedrito, mas só em Porto City eu sou feliz”, diz ele em uma de suas composições mais famosas, Porto City (1983), uma divertida ode country e bob-dylanesca à Capital. Cigano também percorreu outros ritmos como o samba, em composições como Yemanjá e Nega Ângela; o blues e soul, como em Vou olhar pro céu; o samba-canção, que aparece em Cavaquinho de Valor; e não escondeu a admiração por Roberto Carlos e a jovem guarda, que trouxe em Minha Luz e Naufrágio.



EDGARD IGLESIAS/DIVULGAÇÃO/JC

Durque Costa Cigano será tema de dois documentários, ambos com lançamento em 21 de agosto

“Meu DNA musical vem dos ancestrais”, explica. “Minha mãe, meu pai, meus tios – eram todos músicos. Eu sempre fui obcecado pela música, ela sempre me levou antes de tudo, ela me roubou. Até acho que já nasci cantando.”

Testemunha ocular da magnitude de artistas como Lupicínio Rodrigues, Túlio Piva, Jessé Silva e Plauto Cruz, a quem assistia desde adolescente, talvez tenha capturado por osmose a grandiosidade que depois o tornou um dos grandes, no mesmo rol dos seus ídolos. Gosta de contar a história de quando, aos 16 anos, fugia de casa para assistir a Lupi tocar. “Foi ali que eu construí a minha essência, foi um grande aprendizado.”

Aos 21 anos, foi para São Paulo para se dedicar à carreira de músico. Gravou um compacto simples. De um lado, Simplesmente Mãe, do outro, Yemanjá.

A primeira estourou, inundou as rádios, impulsionada pelo Dia das Mães. “Foi lançada um mês antes do Dia. Fez um sucesso estrondoso. Mas passou a data e ela sumiu”, relembra.

Depois disso, voltou a Porto Alegre e foi contratado como músico na Churrascaria Muralha. Seu primeiro emprego como artista, o resto é história. Ao longo dos 50 anos de carreira, Cigano passou por mais de duas centenas de bares e compôs cerca de 280 músicas. Viveu a incandescência da noite dos anos 1970 e 1980. A era pós-Lupicínio, como ele define. “Era muito lírico, poético. Houve um momento em que a noite porto-alegrense era considerada pela imprensa como a melhor do Brasil. Era eletrizante. Tanto que por aqui circulavam Chicos, Caetanos”, reflete. Este último, embriagado pela poesia da cidade, até compôs Menino Deus.

Aos 75 anos, Cigano afirma que “vive seu melhor momento”. O músico segue na ativa ecoando sua voz na escuridão das noites porto-alegrenses. Frequentemente marca presença em apresentações no Bar e Restaurante Vassouras, ou na Casa do Churrasco, em Canoas. Tem agenda também para shows particulares. Tem que achar meios de fazer sobreviver a boa música que, paradoxalmente, tinha mais espaço para existir ao ar livre antigamente. “Hoje em dia não existe mais aquela efervescência dos anos 70, 80, 90. A boemia foi acabando a partir de novas legislações que foram dificultando a liberdade ir e vir das pessoas”, analisa.

Com diferenças grandes ou pequenas, a noite da Capital pode contar com uma bela constante: a voz e o violão de Cigano. “Minha carreira está começando agora!”